

DOIS ANOS SE PASSARAM...

Corsíndio Monteiro da Silva

O tempo vai-nos passando implacavelmente, posto que cuidando de nossas feridas e de nossas saudades, e transmudando-nos o sangue em vinho.

Mal me surpreendo ao atentar que dois anos já se passaram da morte física do meu estimado conterrâneo, contemporâneo, colega e amigo Amidicis D. Tocantins. Foi ele vítima da violência e da insanidade dos tempos que correm. Aconteceu sua sentida morte na metrópole paulistana, embora pudesse ter ocorrido numa cidadezinha qualquer deste nosso pobre país, visto que, hoje em dia, o perigo e a violência não escolhem lugar em que armar sua tenda sinistra, estimulados pela impunidade geral.

Certo é que perdi o meu bom amigo, e com grande amargura registro esse vazio que me afastou da idéia inconcebida de perdê-lo, tanto que somente agora o faço, vencendo quase incontido torpor, quando dois anos se passaram desde aquele dia, como, de antigo, lamentava o nostálgico cantante portenho.

Dois anos se passaram, e, não raro, me surpreendo a auscultar o meu telefone, já no primeiro terço da noite, após a hora de vésperas, a ver se ele tilinta para a conversa com o conterrâneo distante...

E é que o meu telefone é o centro do meu mundo universo. Através dele entro em contacto com amigos distantes, à procura de uma correspondência fraterna, a nos regalarmos com as conversações leves que mal disfarçam o simples prazer de falar por falar e de ouvir por ouvir a voz de um conterrâneo, de um colega, de um amigo distante...

Estou em que me entendia bem com o Amidicis, pois que só cuidávamos de assuntos que diziam respeito ao mundo dos livros, à matéria de cultura, com referência a escritores de nossa predileção e a coisas de nossa terra, com o propósito saudável sempre, de construirmos algo, de salientar o lado positivo de alguém, e coisas que tais.

Muito me serviu ele de estímulo, de me cobrar procedimentos, de me alentar nas horas de desânimo. Neste capítulo, não me é possível esquecer o quanto me ajudou o Amidicis durante o tempo em que preparei o material, para a edição do centenário, das Obras de Dom Aquino. Se bem estou lembrado, já deixei consignado isso em outro lugar.

Grande parte das fotos do Arcebispo ele me conseguiu, junto à direção do Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, que lhe confiou o material em estrita consideração pessoal a ele, Amidicis. Mais do que isso, era o conforto das palavras de estímulo que ele, pelo telefone ou por carta, me proporcionava. Por amor, simplesmente por amor! Amor a Dom Aquino, amor às nossas tradições, amor à Cultura, amor ao seu velho conterrâneo distante, que (ele sabia) sempre se empenhara em alimentar sua amizade fraterna.

Fico a olhar para o centro do meu universo e o telefone não toca naquele princípio de noite, quando então, cavaqueávamos, mesmo sem termos um assunto previamente previsto, mas que nos surgia de improviso, por uma leve referência a um ponto em comum qualquer, a desencadear uma conversa interminável...

O Amidicis não participava dessa miseriazinha do egoísmo, tão comum entre as gentes, e isso pude eu evidenciar por estes tempos últimos. Se ele pudesse ajudar-nos, ajudava; se não, desdobrava-se, ainda assim, por nos propiciar qualquer coisa que viesse atender a algum projeto que tivéssemos em mente.

Já agora, recolhia ele tudo o que possuía sobre José de Mesquita para que eu (e não ele) escrevesse alguma coisa por ocasião do Centenário daquele nosso ilustre conterrâneo, em março de 1992. E o mais importante de tudo, é que ele não esperava que se lhe solicitasse, e sim que se oferecia, e nos trazia, com indizível satisfação, o de que pudera dispor.

Por tudo isso e pelo mais que é só minha alma conhece, é que sinto uma saudade imensa do Amidicis, do meu estimado Amidicis, alma antiga e pura, que mal sonhara que, pretendendo, a seu modo, bem servir, seria vítima de uma violência que lhe cortou cerce a vida, toda ela dedicada à sua família e aos seus livros, que ele amava com toda a força de seu coração.

Brasília, em 31 de outubro de 1989.